

## Cartas *Ad Familiares* VII, 1 – 4: Cícero a Marco Mário Introdução, tradução e notas

Marlene L. V. Borges

### Introdução

#### Marco Mário

Marco Mário é um personagem conhecido apenas pelas cartas de Cícero: pelas quatro que lhe são endereçadas (*Fam.* VII, 1 - 4) e por uma que Cícero enviou ao irmão Quinto (*Ad Quint. Fr.* II, 9). Em todas elas, ao lado de manifestações de afeto, há uma preocupação constante do autor com relação à saúde do amigo: “Mário é mais frágil [*sc.* do que eu], tanto na constituição, quanto na saúde” (*Marius et valetudine est et natura imbecillior*), afirma na carta a Quinto. Segundo sabemos pela carta VII, 4, Mário sofria da doença da gota. Membro abastado da ordem equestre, Mário, como Cícero, era proveniente de Arpino, cidade situada a cerca de 120 quilômetros ao sul de Roma.

Cícero o descreve como um homem arguto, refinado, de conversa culta e agradável. Na citada carta a Quinto, declara: “este amigo, te asseguro, sem dúvida eu o carregaria comigo, para estar próximo, por vezes, da delicadeza da sua velha cortesia e de suas conversas de tão grande cultura” (*hunc, ut dico, certe sustulissem, ut aliquando subtilitatem veteris urbanitatis et humanissimi sermonis attingerem*). E em seguida: “Sem dúvida, seria para mim um especial prazer usufruir de sua companhia também aqui [*sc.* em Pompeia]; quero que saibas que Mário, como vizinho, é o brilho desta minha propriedade” (*Hoc vero mihi peculiare fuerit, hic etiam isto frui; nam illorum praediorum scito mihi vicinum Marium lumen esse*). Manifesta então o desejo de rever o amigo, motivo pelo qual pede a Quinto que o traga consigo quando de sua visita (*et adhuc, si me amas, Marium*).

As cartas a Marco Mário estão agrupadas no livro VII das *Cartas aos Amigos* (*Epistulae ad familiares*)<sup>1</sup>. Apresentamos aqui uma tradução anotada dessas cartas, com breve comentário elucidativo sobre o contexto em que foram escritas.

### **A cortesia, o humor e a construção do *ethos***

Cabe destacar nas cartas o emprego da cortesia e do humor, componentes da *urbanitas*<sup>2</sup> que Cícero tanto prezava. A cortesia não é um elemento significativo apenas nas cartas formais, em que vem expressa geralmente pelo modo cerimonioso de tratamento. Nas cartas aos amigos, a cortesia também está presente, como forma de demonstração de consideração e afeto. Outro ponto que vale ser lembrado é o caráter semipúblico das cartas, pois elas eram às vezes lidas por um círculo amplo de pessoas além do destinatário (amigos, familiares etc.)<sup>3</sup>. Por esse motivo a imagem do autor era objeto de cuidado. Na carta VII, 1, por exemplo, Cícero parece ter a preocupação de moldar para si (às custas do amigo) um *ethos* culto e sofisticado, capaz de despertar a admiração dos leitores. Segundo afirma Hall (2009: 18), certas vezes temos a impressão de que Cícero desejava que não só o endereçado da carta a lesse, mas que ela fosse apreciada também por outros leitores do mesmo círculo social. Parece ser o caso desta carta.

Nas cartas aos amigos mais íntimos, Cícero se sente à vontade para utilizar expressões coloquiais, lançar mão de estrutura conversacional nas orações, sem a preocupação de que estas liberdades possam ser interpretadas como desrespeito (Hall, 2009:11). Essa linguagem coloquial constitui o elegante *sermo cotidianus*, que é o traço distintivo da maior parte de sua correspondência.

---

<sup>1</sup> Utilizamos para este trabalho o texto estabelecido por Shackleton Bailey, publicado, em sua última versão, na coleção Loeb (2001). Para as notas de rodapé, servimo-nos, além das notas de Bailey, também das oferecidas por Williams (1983) e Bailly (s/d).

<sup>2</sup> O termo *urbanitas*, segundo Ramage (1963: 390-414), seria uma evolução semântica do termo *urbanus*, e era usado no final da república com grande número de conotações. O autor observa que Cícero o emprega no sentido de certo dom natural ou capacidade inata para o humor refinado, espíritosidade de bom gosto e elegância no falar, peculiar ao cidadão em oposição ao morador do campo, mas, principalmente, refere-se ao homem romano da elite. Afirma ainda que, apesar de a palavra *urbanitas* às vezes se sobrepor ao termo *humanitas* em algumas de suas conotações, como o refinamento, não são, contudo, equivalentes. O termo *humanitas* designa um conjunto de qualidades que tornam o homem superior aos outros animais, tais como o espírito e os sentimentos humanos, designando também o que torna o homem digno desse nome: a cultura literária, a boa educação, a cultura geral do espírito (Cf. Dicionário Latim Português Porto Editora, 1983, verb. *Humanitas*). Ver também n. 5.

<sup>3</sup> Sobre o caráter semipúblico das cartas de Cícero, cf. Steel (2005: 43, 45, 47).

## 1. Contexto

### 1.1. Carta VII, 1

Esta carta foi escrita por ocasião dos jogos cênicos oferecidos por Pompeu quando da inauguração do primeiro teatro permanente de Roma, em 55 a. C.<sup>4</sup>. Mário, impossibilitado de comparecer aos jogos, aparentemente pedira a Cícero que lhe escrevesse uma carta com a qual pudesse se distrair e se conformar por ter perdido o evento (VII, 1, 6). A carta que Cícero lhe escreve tem o sabor de uma leve e divertida crítica do espetáculo, que deixa transparecer, não por acaso, o gosto refinado do próprio autor. A suntuosidade exagerada do evento é um dos aspectos criticados.

A carta VII, 1, talvez a mais célebre das quatro a Marco Mário, se caracteriza principalmente por evidenciar a *humanitas*<sup>5</sup> do autor, uma vez que, destoando do gosto corrente, Cícero não experimenta prazer algum diante da frivolidade dos espetáculos teatrais em que seres humanos e animais selvagens eram sacrificados para o divertimento público. Com cortesia, Cícero ressalta o refinamento de Mário, que, a seu ver, não se teria entusiasmado com espetáculos daquela natureza. Manifesta sua repulsa pela violência do espetáculo, confessando a compaixão que lhe desperta a matança dos elefantes. Acrescentando um toque de humor, faz uma brincadeira contra si mesmo, enquanto dirige palavras de conforto ao amigo (VII, 1,3). No encerramento, a cortesia do autor se destaca no tom amável e espirituoso, na demonstração de afeto e também no pedido de desculpas pela extensão da carta, traço característico da etiqueta epistolar da época.

### 1.2. Carta VII, 2

A carta VII, 2 foi escrita em Roma, em janeiro de 51, pouco antes da partida de Cícero para a Cilícia como procônsul. A carta trata de dois temas: o primeiro – a compra de certo artigo, incumbência dada a Cícero por Mário – é tratado apenas de passagem; o segundo refere-se a uma leve queixa de Cícero sobre uma congratulação, a seu ver, muito discreta, que Mário lhe enviara por ocasião de uma vitória no tribunal.

As cartas de congratulações, de acordo com Hall (2009:47), eram uma característica padrão da etiqueta aristocrática. Uma felicitação sincera mostrava um

---

<sup>4</sup> Todas as datas doravante mencionadas são anteriores à era cristã.

<sup>5</sup> Hall (2009 : 211, n. 4) esclarece que Cícero emprega o termo *humanitas* e seus cognatos para se referir à preocupação de uma pessoa pelos sentimentos de outro, como também no sentido de modos sofisticados de comportamento. Qualquer tradução, afirma o autor, é incapaz de abarcar todos os sentidos da palavra.

espírito generoso e magnânimo. Cícero mostra nessa carta o quanto é sensível a tais sutilezas.

Esta carta está repleta de referências que demandam explicações ao leitor atual. No tempo em que foi escrita, o contexto era bem conhecido pelo emitente e pelo destinatário, maiores detalhes entre eles eram dispensáveis. O fato é que vemos nesta carta Cícero saboreando com prazer um sentimento de vingança. Tendo sofrido uma derrota ao defender no tribunal o amigo Milão, responsável pela morte de Clódio, conseguiu redimir-se ao condenar o homem que era o principal oponente do primeiro e partidário ardoroso do segundo. Mas o que mais o alegra é o fato de sua vitória ter sido obtida por meio da palavra, sua principal arma, e não da violência. “[...] prefiro um processo a uma espada”, declara (VII, 2, 2).

### 1.3. Carta VII, 3

A carta VII, 3 foi escrita provavelmente em meados de abril de 46, quando Cícero já havia retornado a Roma mas a guerra civil ainda não havia terminado<sup>6</sup>. Tendo se retirado da guerra depois da batalha de Farsália (07 de agosto de 48) e da fuga de Pompeu para o Egito, Cícero dirige-se a Brundísio, onde permanece aproximadamente um ano aguardando o desenrolar dos acontecimentos, temeroso de regressar a Roma<sup>7</sup>. Embora em setembro de 47 tenha recebido autorização de César para permanecer na Itália, no lugar que desejasse, sua situação continua tensa, uma vez que era alvo de crítica dos pompeianos que não aprovavam sua saída antecipada da guerra.

Assim, a carta VII, 3 é composta em um tom sombrio, refletindo a angústia e o pessimismo do autor. O bom humor das cartas anteriores é substituído por reflexões filosóficas e políticas. A carta tem um objetivo central: apresentar as justificativas de Cícero por ter abandonado a guerra. Vemos o autor preocupado em preservar sua imagem contra a crítica dos seus detratores<sup>8</sup>, motivo pelo qual explica suas razões para o amigo com a intenção de que ele as divulgue, principalmente àquelas pessoas que

---

<sup>6</sup> Terminaria em 17 de março de 45, com a batalha de Munda, na Espanha.

<sup>7</sup> Após a derrota de Pompeu em Farsália, Cícero, dirigindo-se para a Córceira com outros pompeianos, foi ameaçado de morte pelo filho mais velho de Pompeu, que achava que ele, como consular, e pelo seu *status* militar, devia assumir o comando das tropas. Nessa ocasião, Catão teve que defendê-lo da fúria do agressor. Cf. Bailey (1971: 170-171); Williams (1983: xxv).

<sup>8</sup> Cícero se queixa dos *boni*, aristocratas apoiadores de Pompeu, que, apesar de o criticarem, “não saíram de suas casas” ([...] *se domo non commoverunt*; Carta IX, 5, 2 a Varrão).

consideravam um crime que ele ainda estivesse vivo (VII, 3, 6)<sup>9</sup>. O fato de ter escolhido Marco Mário para testemunhar essas explicações deve-se, provavelmente, ao bom relacionamento que este teria com a elite política, além, é claro, da confiança e amizade que havia entre ambos<sup>10</sup>.

A carta é permeada de inquietação e expressões de dúvida em relação ao futuro. Nesse clima sombrio, Cícero declara que pelo menos encontra consolo nas artes liberais e na sua própria reputação (VII, 3, 4). Fica evidente também nesta carta o pensamento político de Cícero, coerente com seus esforços ao longo de toda a vida para conservar a paz e o sistema republicano.

A mudança de tom na carta VII, 3 é a mesma que ocorre nas cartas do início do período cesariano, em que Cícero já não encontra lugar efetivo no novo sistema político de governo. Nesse ambiente desconfortável, o elemento do humor, tão habitual antes, passa a se tornar ausente, e o próprio Cícero aponta esse fenômeno em carta a Nigídio Fígulo (*Fam.* XIII, 2) datada de 46).

#### 1.4. Carta VII, 4

Meses depois da carta VII, 3, Cícero escreve a VII, 4, provavelmente em 21 ou 22 de novembro de 46<sup>11</sup>. Esta constitui apenas uma nota prazenteira, em que o autor comunica a Mário sua chegada à residência de Cumas e sua futura ida para a de Pompeia. Nessa carta, o estado de espírito do autor aparece mais tranquilo e apaziguado. Tendo retornado a Roma em outubro de 47 e tendo cessado sua participação na política, Cícero passara a viver de modo mais retirado, período em que se dedicara aos seus trabalhos retóricos e literários. São dessa época seus dois tratados retóricos *Brutus* e *Orator*, e talvez as *Partitiones oratoriae*. Depois do retorno de César a Roma em 26 de julho 46, Cícero sai do seu “prolongado silêncio” (*Diuturni silentii*) (*Pro Marcello*, §1) para pronunciar no senado o discurso agradecendo a César pelo retorno de Marco Cláudio Marcelo, um dos cônsules de 51. Do mesmo ano de 46 é o discurso pronunciado no fórum, diante de César, em defesa de Ligário, acusado de violência por sua conduta na África em 49, no qual Cícero obteve pleno êxito.

---

<sup>9</sup> Uma carta com semelhante resposta às críticas é enviada a Varrão (*Fam.* IX, 5, 2, de maio de 46).

<sup>10</sup> Embora Cícero tenha escrito cartas de mesmo teor a outros destinatários, a escrita a Mário é a mais rica em detalhes.

<sup>11</sup> Nesse ano ocorre a mudança que Júlio César promoveu no calendário romano, em que três meses foram intercalados: um entre fevereiro e março, dois entre novembro e dezembro. Além disso, 10 dias foram acrescentados para regularizar a duração do ano (cf. Bailey: 1971: 186).

Assim, tendo encontrado conforto na atividade intelectual, e com seu modo de vida em Roma quase normalizado, vemos, nesta carta VII, 4, Cícero recuperando sua antiga peculiaridade: a cortesia e o humor, que dão o tom às poucas linhas dessa carta.

## 2. Tradução

### 2.1. Carta VII, 1

1. Se alguma dor física ou a fragilidade de tua saúde<sup>12</sup> impediu que viesses aos jogos, atribuo tal fato antes à fortuna que a tua sabedoria. Mas, se julgaste que esses espetáculos que os outros admiram são dignos de desprezo, e, ainda que a saúde o permitisse, não quiseste vir, por um e outro motivo me alegro: seja porque teu corpo estava livre de dor, seja porque gozavas de plena saúde mental, já que rejeitaste aquilo que outros admiram sem razão, desde que tenhas tirado proveito do teu ócio, de que pudeste desfrutar de modo esplêndido, uma vez que estavas praticamente sozinho nesse lugar encantador. E, contudo, não duvido que no teu quarto, diante do qual fizeste uma abertura para contemplar a baía de Estábias<sup>13</sup>, tenhas passado as manhãs desses dias em breves leituras, enquanto aqueles que aí te deixaram assistiam sonolentos às apresentações públicas dos mimos. Quanto ao restante do dia, decerto o consumias com aqueles prazeres que tu mesmo tinhas planejado segundo teu gosto, enquanto nós éramos obrigados a suportar as apresentações que Espúrio Mécio<sup>14</sup> nos proporcionara.

2. Em geral, se queres saber, os jogos foram magníficos, mas não para teu gosto (julgo-o pelo meu). Pois, em primeiro lugar, em honra à ocasião, retornaram ao palco certos atores que, segundo eu pensava, dele deviam ter se afastado em honra à própria reputação<sup>15</sup>. Teu ídolo, nosso querido Esopo, teve tal desempenho que todo o público teria concordado se ele desistisse da arte. Quando tinha começado o juramento, a voz lhe faltou no ponto em que dizia “se engano deliberadamente”. O que mais te direi? Conheces os jogos restantes. Não tiveram nem mesmo a graça que costumam ter os jogos mais comuns: a visão daquela pompa tolhia toda a alegria, pompa que, não tenho

---

<sup>12</sup> Marco Mário estava confinado em sua vila de Estábias, acometido de um ataque de gota (cf. *Fam.* 7.4) que o impedia de comparecer aos jogos em Roma.

<sup>13</sup> Supõe-se que se trate ou de uma abertura na parede, como uma janela, por exemplo, ou o corte de árvores defronte à casa de modo a se obter uma vista livre para o mar.

<sup>14</sup> Espúrio Mécio era o encarregado da escolha das peças a serem apresentadas no evento.

<sup>15</sup> Atores famosos, mas de idade avançada, foram convidados a se apresentar; Cícero julga que, para manter suas próprias reputações, deviam ter ficado fora do palco.

dúvida, terias tranquilamente dispensado. De fato, que prazer há em ver seiscentas mulas na “Clitemnestra”?<sup>16</sup> Ou três mil taças no “Cavalo de Tróia”? Ou variadas armaduras de infantaria e cavalaria em alguma batalha? Essas coisas, que arrebataram a admiração popular, não te teriam oferecido nenhum prazer. **3.** Se, durante esses dias, dedicaste tua atenção a ouvir o teu Protógenes<sup>17</sup> – desde que ele tenha lido para ti qualquer outra coisa além dos meus discursos –, então tiveste mais divertimento do que qualquer um de nós, e não pouco. Pois não creio que sentisses falta do teatro grego ou do osco<sup>18</sup>, sobretudo porque podes apreciar a farsa dos oscos até mesmo no vosso senado<sup>19</sup>; e não aprecias os gregos, tanto que, nem para chegar a tua casa costumavas ir pela Via Grega. E como posso crer que sentisses falta dos atletas, tu que desprezas os gladiadores, com os quais o próprio Pompeu reconhece ter jogado fora óleo e trabalho<sup>20</sup>?

Restaram duas caçadas ao dia, durante cinco dias. Magníficas, ninguém há de negar. Mas que prazer pode existir, para um homem refinado, em ver um frágil ser humano ser destroçado por uma fera descomunal, ou um esplêndido animal selvagem ser trespassado por uma lança? Coisas que, ainda que tenham de ser vistas, já viste muitas vezes; e mesmo eu, que as vi, não encontrei nada de novo. O último dia foi o dos elefantes, que despertou grande entusiasmo na massa popular, mas nenhum prazer.

Pelo contrário, até se experimentou certa compaixão e, de alguma forma, a impressão de haver alguma afinidade entre aqueles animais e o gênero humano<sup>21</sup>.

**4.** Para que não te pareça, por acaso, que eu estivesse, não apenas feliz, mas inteiramente livre naqueles dias dos jogos cênicos, fica sabendo que quase me acabei no processo de Canínio Galo, teu amigo. O fato é que, se o povo tivesse tanta indulgência

---

<sup>16</sup> *Clitemnestra*, peça de Ácio (c. 170 - 90 a. C.); *Cavalo de Tróia*, de Névio (c. 270 - 199 a. C).

<sup>17</sup> Escravo ou liberto que lia em voz alta para Marco Mário.

<sup>18</sup> *Ludi graeci* referem-se à tragédia e à comédia gregas; *ludi osci*, às *fabulae atellanae*, farsas cômicas nativas da Itália.

<sup>19</sup> Com “Vosso Senado” Cícero faz referência às sessões em que o conselho da cidade (talvez Pompeia), do qual Marco Mário supostamente fazia parte, deliberava sobre assuntos locais, sessões que compara satiricamente às farsas dos oscos.

<sup>20</sup> Expressão proverbial, “*oleum et operam perdere*”: 1) perder o seu tempo; 2) óleo com que se untavam os lutadores na palestra (Dicionário Porto Editora, 1983, s.v. *oleum*).

<sup>21</sup> De acordo com Plínio (*Hist. Nat.* VIII, 20, 21), faziam parte do espetáculo combates entre homens e animais, em que 20 elefantes foram mortos. Plínio relata que “[...] os elefantes de Pompeu, ao perder a esperança de fuga, imploraram a piedade do povo por meio de atitudes indescritíveis, deplorando a própria sorte com uma espécie de gemido [...]” (*Sed Pompeianii, missa fugae spe, misericordiam vulgi inenarrabili habitu quaerentes supplicavere quadam sese lamentatione complorantes [...]*).

comigo quanto teve com Esopo – por Hércules! –, eu abandonaria de bom grado minha profissão e viveria contigo e com os nossos iguais. Pois se ela já antes me entediava, no tempo em que a idade e a ambição me impulsionavam e eu podia, em suma, não defender quem eu não quisesse, hoje, então, a vida é nada. Nem sequer espero alguma recompensa pelo meu esforço, e sou por vezes obrigado a defender homens que não merecem de minha parte consideração alguma, a pedido daqueles a quem considero muito. **5.** E assim, vou procurando todos os pretextos para finalmente viver a meu modo. Por isso, não só elogio como aprovo com entusiasmo a justificativa de teu ócio; se me visitas menos, suporto-o muito resignadamente, porque, se estivesses em Roma, eu não poderia desfrutar de tua elegância, nem tu da minha (se acaso tenho alguma), por causa das minhas ocupações tão aborrecedoras, das quais, se eu puder me desembaraçar um pouco (pois me liberar totalmente não espero), ensinarei a ti mesmo, que durante muitos anos não te tens aplicado a outra coisa, como é de fato viver civilizadamente. Apenas cuida da tua saúde e a conserva, para que possas vir a minha casa de campo e passear comigo de liteira.

**6.** Escrevi para ti mais do que de costume, não por abundância de tempo, mas de afeto por ti, porque, se te lembras, numa carta que me tinhas enviado, sugeriste que eu te escrevesse algumas palavras para que, de algum modo, te consolasses por ter perdido os jogos. Se consegui, me alegro; se não, me consolo com o seguinte: futuramente virás aos jogos e me farás uma visita, e não depositarás apenas em minhas cartas a esperança de alguma distração.

## **2.2. Carta VII, 2**

1. Tratarei cuidadosamente da incumbência que me deste. Mas, homem arguto que és, deste-a a quem tinha interesse mais do que todos em vender aquele artigo pelo melhor preço possível<sup>22</sup>. 2. E o que é mais, enxergaste bem ao determinar previamente o preço máximo da compra. É que, se deixasses por minha conta, devido à consideração que tenho por ti, eu teria concluído o negócio com os coerdeiros. Agora, depois que fiquei ciente do teu preço, prefiro pôr em leilão a vender por um preço menor. 2. Mas, chega de gracejos. Tratarei do teu assunto cuidadosamente, como é meu dever.

---

<sup>22</sup> Não se sabe de que venda se trata, mas, sendo um dos herdeiros, Cícero tinha interesse no negócio; por isso, brinca com o amigo que, ao estabelecer o preço máximo, o levava a trabalhar contra si mesmo.

Estou certo de que o caso Bursa<sup>23</sup> te agrada, mas me felicita muito discretamente. Pensas, segundo escreves, que considero minha alegria menos grande por causa da baixeza de tal homem. Gostaria que acreditasses que me alegrei mais com este julgamento do que com a morte do meu inimigo<sup>24</sup>. Primeiro, porque prefiro um processo a uma espada; depois, porque prefiro a glória do meu amigo a uma catástrofe<sup>25</sup>. E o que especialmente me agradou foi a grande manifestação de amizade dos homens de bem para comigo, apesar da inacreditável pressão de um homem tão ilustre e poderoso<sup>26</sup>. 3. Enfim – e isso talvez pareça pouco verossímil – eu detestava muito mais esse homem<sup>27</sup> do que o próprio Clódio. Este, com efeito, eu tinha acusado, aquele, eu tinha defendido<sup>28</sup>. Clódio, ameaçando a segurança de toda a República ao colocar em risco a minha pessoa, tinha em vista um grande objetivo, não por vontade própria, mas por injunção daqueles que não poderiam estar de pé enquanto eu o estivesse. Já esse reles macaco<sup>29</sup>, que por capricho me escolhera como alvo de seus ataques, havia convencido alguns invejosos de que seria sempre um agente contra mim. Por isso, desejo muito que te alegres. Uma grande façanha foi realizada. Nunca houve cidadãos mais corajosos do que esses que ousaram votar pela condenação, apesar de todo poderio do homem pelo qual os próprios juízes tinham sido escolhidos<sup>30</sup>. Isso jamais teria acontecido se a queixa deles não fosse igual à minha.

4. Quanto a nós, nos ocupamos não só com numerosas causas célebres, mas também com as novas leis<sup>31</sup>, e a cada dia fazemos votos de que não haja intercalação, para que possamos vê-lo o quanto antes.

---

<sup>23</sup> Trata-se do julgamento de Tito Munácio Planco Bursa, um dos raros casos em que Cícero atuou como acusador.

<sup>24</sup> Referência à morte de Públio Clódio Pulcro, assassinado pelos homens de Milão em 18 de janeiro de 52.

<sup>25</sup> Provável referência a Milão, defendido por Cícero, porém, condenado ao exílio.

<sup>26</sup> Pompeu, que havia recebido apoio político de Bursa para tornar-se cônsul único e retribuía agora o favor, apoiando-o no julgamento.

<sup>27</sup> Tito Munácio Planco Bursa, que, enquanto tribuno da plebe em 52, incentivou uma desordem pública de protesto pelo assassinato de Públio Clódio, que culminou com o incêndio da Cúria e dos edifícios vizinhos. Processado por violência, Cícero conseguiu condená-lo, a despeito do apoio de Pompeu ao acusado.

<sup>28</sup> Não se tem informações sobre essa defesa de Bursa por Cícero.

<sup>29</sup> Cícero insinua que Bursa era um imitador de Clódio, por isso usa o termo “*simiolus*”, que quer dizer, literalmente, “macaquinho”, cf. Syme (1964: 32).

<sup>30</sup> Pompeu, que, contrariando sua própria lei, havia tentado ler um elogio (*laudatio*) a Planco no julgamento, o que não foi aceito por Catão, um dos jurados (cf. Berry, 1993: 504).

<sup>31</sup> As novas leis que Pompeu conseguiu aprovar já como cônsul único, em 52: *De vi* (Sobre a violência), *De ambitu* (Sobre a corrupção eleitoral), *De sodaliciis* (Sobre a associação ilegal).

### 2.3. Carta VII, 3

1. Refletindo muitas vezes sobre as misérias em que todos nós vivemos durante tantos anos e, pelo que vejo, viveremos, costuma me ocorrer a lembrança daquela ocasião em que estivemos juntos pela última vez, além de me lembrar exatamente o dia: 12 de maio, no consulado de Lântulo e Marcelo; eu tinha chegado à tarde a minha casa de Pompeia, e tu vieste apreensivo, colocar-te à minha disposição. Tinhas o espírito preocupado em relação ao meu dever e também ao perigo que eu corria. Se eu permanecesse na Itália, receavas que eu estivesse faltando ao meu dever; se eu partisse para a guerra, te agitava a preocupação com o risco que eu correria. Nessa ocasião, seguramente me viste de tal modo perturbado, que não conseguia discernir o melhor a fazer. Contudo, preferi ceder ao apelo da minha honra e da minha reputação a levar em conta minha segurança.

2. Arrependi-me dessa decisão, não tanto por causa dos perigos, mas devido a muitas falhas com que me deparei no lugar a que chegara: em primeiro lugar, as tropas não eram numerosas e nem de grande valor militar; em segundo, exceto o general e poucos militares além dele – refiro-me aos chefes –, os demais, para começar, eram ávidos pelo saque durante a própria guerra; depois, tinham um discurso tão cruel que a própria vitória me aterrorizava. Além disso, os homens de elevada posição tinham dívidas enormes. Queres saber? Nada havia de bom, exceto a causa. Assim que me dei conta disso, descrendo da vitória, primeiro comecei a aconselhar a paz, da qual eu sempre tinha sido um defensor. Depois, uma vez que Pompeu rejeitara totalmente essa proposta, decidi aconselhá-lo a que prolongasse a guerra. Por vezes ele apoiava esta ideia e parecia aceitá-la, e talvez o tivesse feito, se a partir de certa batalha não tivesse começado a ficar mais confiante em seus soldados<sup>32</sup>. A partir desse momento, aquele grande homem deixou de ser um general. Entrou em combate contra as mais sólidas legiões com uma tropa de recrutas e um exército reunido às pressas. Derrotado, tendo perdido vergonhosamente até o acampamento, fugiu sozinho.

3. Considerei esse o fim da guerra para mim, e imaginando que, se não tínhamos nos equiparado ao adversário enquanto estávamos inteiros, não poderíamos superá-lo agora, destrocados; afastei-me daquela guerra em que as alternativas eram: tombar na

---

<sup>32</sup> Depois da batalha de Dirráquio, em julho de 48, na qual Pompeu infligiu considerável perda ao exército de César.

linha de combate, cair em alguma emboscada, acabar nas mãos dos vencedores, pedir refúgio a Juba<sup>33</sup>, procurar um lugar como se para o exílio, ou decidir pela morte voluntária. Pelo menos não havia outra opção se não quisesses nem ousasses entregar-te ao vencedor. De todas as alternativas que mencionei, nenhuma é mais tolerável que o exílio, sobretudo para um homem inocente, ao qual não se imputou nenhuma desonra; e acrescento, ainda: quando na cidade da qual és privado não há nada que possas contemplar sem sofrimento. Quanto a mim, prefiro estar com os meus – se é que nos dias de hoje alguma coisa é de alguém – e também na minha propriedade. Todas essas coisas que aconteceram eu as havia previsto.

4. Vim para casa, não porque esta era a melhor condição de vida, mas – se é que ainda havia alguma forma de República – para que eu me sentisse como na pátria; se não, como no exílio. Não vi razão para me entregar à morte, embora eu visse muitas para desejá-la. Diz um antigo provérbio que, quando não és mais o que foste, não há mais razão para querer viver. Contudo, estar livre de culpa é um grande consolo, sobretudo quando tenho duas coisas que me confortam: o conhecimento das artes liberais e a glória dos maiores feitos; a primeira, enquanto eu viver, não me será tirada; a segunda, nem mesmo depois da minha morte.

5. Escrevi estas coisas longamente e te importunei porque sei que és muito devotado, tanto a mim como à República. Quis que conhecesses todos os meus desígnios para que soubesses que, primeiro: eu nunca concebi que alguém tivesse mais poder do que toda a República; segundo: depois que, por culpa de alguém<sup>34</sup>, um único homem<sup>35</sup> passou a ter tanto poder que era impossível opor-se a ele, eu desejei a paz. Com a perda do exército e do único comandante em que houvera esperança, eu quis encerrar a guerra também para todos os demais; como não consegui, encerrei-a para mim mesmo. Agora, porém, se esta cidade ainda existe, sou um cidadão, do contrário, um exilado, em lugar não mais desagradável do que se eu tivesse me dirigido a Rodes ou Mítilene.

6. Eu teria preferido falar isso pessoalmente, mas, como o tempo ia passando, quis transmitir as mesmas coisas por carta, para que tivesses o que dizer em caso de

---

<sup>33</sup> Rei da Numídia.

<sup>34</sup> Pompeu.

<sup>35</sup> César.

cruzares com meus detratores. De fato, há aqueles que, embora a minha morte não tivesse sido de nenhuma utilidade para a República, consideram um crime que eu ainda esteja vivo. Para eles, estou certo de que pensam que os que morreram não foram em número suficiente. Se tivessem me ouvido, viveriam ainda, honrosamente, por mais cruéis que fossem os termos da paz. Inferiores nas armas, não o foram na causa. Tens aqui uma carta mais longa do que talvez desejassem. E pensarei que assim a consideraste, se não me enviases uma ainda mais longa. Quanto a mim, assim que me desembaraçar de uns assuntos que desejo resolver, em pouco tempo, espero, irei te visitar.

#### **2.4. Carta VII, 4**

No dia 21 de novembro, cheguei a minha casa em Cumas com o teu amigo Libão, ou, antes, o nosso. Pretendo ir logo para a de Pompeia, mas te informarei antes. Sempre desejo que estejas com boa saúde, e ainda mais agora, que estou por aqui; para veres depois de quanto tempo estaremos juntos novamente! Por isso, se tens algum encontro marcado com a gota, dá um jeito de adiá-lo para algum outro dia. Cuida bem da tua saúde e me espera dentro dos próximos dois ou três dias.

#### **BIBLIOGRAFIA**

##### **Fontes antigas**

##### Edições das cartas de Cícero

BAILEY, D. R. Shackleton (ed. trad.). Cicero, *Letters to Friends*, v. 1 (letters 1-113). Cambridge, Massachusetts/London, Harvard University Press, 2001.

BAILEY, D. R. Shackleton (ed. trad.). Cicero, *Letters to Friends*, v. 2 (letters 114-280). Cambridge, Massachusetts/London, Harvard University Press, 2001.

BAILEY, D. R. Shackleton (ed. trad.). Cicero, *Letters to Friends*, v. 3 (letters 281-485). Cambridge, Massachusetts/London, Harvard University Press, 2001.

CICERÓN. *Lettres Familières*. II, Livres VII - XI. Traduction, préface et notes par Édouard Bailly. Paris: Librairie Garnier Freres, s/d.

WILLIAMS, M. A. W. Glynn (ed. trad.). *Cicero: the letters to his friends*, Loeb Classical Library, vol.II, XXVI. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1983.

### Demais obras

**CICERO.** *Pro Milone, In Pisonem, Pro Scauro, Pro Fonteio, Pro Rabirio Postumo, Pro Marcello, Pro Ligario, Pro Rege Deiotaro.* English translation by N. H. Watts. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1931- 2000.

**PLINY.** *Natural History.* The Loeb Classical Library, Vol. III, Libro VIII - XI. Trad. H. Rackham, M. A. Cambridge – Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd. 1940-1983, 2ª ed.

### Obras Modernas

**BAILEY,** D. R. Shackleton. *Cícero.* London: Duckworth, 1971.

**HALL,** Jon. *Politeness and Politics in Cicero's Letters.* Oxford: University Press, 2009.

**STEEL,** Catherine. *Reading Cicero.* London: Duckworth Classical Essays, 2005.

**SYME,** Ronald. *Sallust.* Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1964.

### Artigos

**BERRY,** D. H. "Pompey's Legal Knowledge. Or Lack of It: Cic. *Mil.* 70 and the Date of *Pro Milone*". *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Vol. 42, No. 4 (4th Qtr., 1993), pp. 502-504. *Published by:* Franz Steiner Verlag Stable.

**RAMAGE,** Edwin S. "Urbanitas: Cicero and Quintilian, a Contrast in Attitudes". *The American Journal of Philology*. Vol. 84, No. 4 (Oct., 1963), pp. 390-414.

### Dicionários

**FARIA,** Ernesto (Org.). *Dicionário Escolar Latino-Português.* Ministério da Educação e Cultura, Dep. Nacional de Educação, 3ª Ed., 1962.

**FERREIRA,** Antonio Gomes. *Dicionário de Latim-Português.* Porto-Coimbra-Lisboa: Porto Editora, 1983.

**GLARE,** Peter G. W. *Et alii (ed).* *Oxford Latin Dictionary.* Oxford: Oxford University Press, 1968.

**SARAIVA,** F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português.* 11ª Ed. Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

Data de envio: 23 de junho de 2015.

Data de devolução: 28 de julho de 2015.

Data de publicação: 10 de setembro de 2015.